DO CRIOULO AO "*CRIOLLO*": TRADUZINDO A LÍNGUA DE ESCRAVOS DA AMÉRICA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA DE ESCRAVOS NA AMÉRICA HISPANA NO SÉCULO XIX

FROM "*CRIOULO*" TO "*CRIOLLO*": TRANSLATING THE LANGUAGE OF SLAVES IN PORTUGUESE AMERICA TO THE LANGUAGE OF SLAVES IN HISPANIC AMERICA IN THE XIX CENTURY

Sabrina DUQUE Villafañe Santos [i]
Mestranda em Estudos da Traduçao (POSTRAD – CAPES-DS)
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil
sabrinaduque@gmail.com

Resumo: Partindo dos conceitos de comunidade, identidade e linguagem de Le Page & Taubouret-Keller bem como da investigação sobre as línguas afro-americanas de John M. Lipski, o presente artigo pretende discutir quais as ferramentas adequadas para traduzir as falas de personagens cativos na literatura brasileira do século XIX para o espanhol. Segundo a hipótese de Lipski, o "crioulo" afro-hispano não chegou a existir como língua estabilizada nos territórios das colônias hispano-americanas. Contudo, na literatura abolicionista cubana ficaram o registro temporal e a evolução da linguagem dos escravos africanos daquela época, que servem como ponto de partida para o trabalho de traduzir a língua africanizada do português ao espanhol.
Palavras-chave: Tradução. Identidades. Português para o Espanhol. Abolicionismo.

Abstract*: Based on the concepts of community, identity and language of Le Page & Taubouret-Keller and the research on the African-American languages by John M. Lipski, this article discusses what the proper tools to translate the lines of captives characters in Brazilian literature of the XIX century to Spanish. Lipski comes to the conclusion that the African-Spanish 'Creole' did not exist as stable language in the territories of the Spanish-American colonies. But on the Cuban abolitionist literature brings examples that show the evolution of the language of the African slaves of that time, that can be used as a starting point for the translation of the Africanized language from Portuguese to Spanish.*
Keywords: *Translation. Identity. Portuguese to Spanish. Abolitionism.*

1. Introdução

O presente artigo pretende discutir as ferramentas das quais dispõe um tradutor para achar as equivalências das falas dos escravos na literatura brasileira do século XIX para o espanhol. A língua dos escravos africanos no Brasil evoluiu de um *pidgin* entre o português e as línguas africanas respectivas para um "crioulo" do português (como em outros países de colonização portuguesa), que conviveu com o português padrão – falado pelos estratos mais altos da colônia e, depois, do Império brasileiro – e com a "língua-geral", de origem indígena,

falada por parte das classes subalternas. No caso do Brasil, a linguagem dos escravos conta com registros históricos testemunhais e também está preservada em obras da literatura. O "crioulo" brasileiro tornou-se uma língua reconhecida pelos membros da comunidade, ponto de partida para a formação de uma identidade dos negros capturados em diversas regiões da África e, portanto, de diversas origens étnicas, culturais e religiosas. De acordo com a definição sugerida por Le Page & Taubouret-Keller em sua obra *Acts of Identity: "*A comunity, its rules, and its language only exist insofar as its members perceive them to exist" (1985, p. 205). Os bantos, minas, iorubás, haussás, etc. adquiriram uma identidade comum de "africanos" apenas no contexto da condição de escravo no Brasil. O "crioulo", portanto, se desenvolveu como língua de comunicação não somente entre senhor e escravo, mas também entre as muitas etnias e tornou-se um elemento fundamental na construção dessa nova identidade.

O comportamento linguístico, segundo Le Page & Taubouret-Keller, manifesta uma série de atos em que as pessoas revelam sua identidade pessoal (1985, p. 14). Os indivíduos criam padrões de comportamento linguístico para se adequar ao comportamento do grupo, ou grupos, com os quais eles buscam se identificar pontualmente (LE PAGE; TAUBOURET-KELLER, 1985, p.: 18).

Estima-se que, entre 1525 e 1851, mais de cinco milhões de escravos foram trazidos ao Brasil, a maior diáspora de população africana de todo o continente americano. Ademais, o grosso desse contingente ficou restrito a áreas geográficas específicas, gerando expressivas concentrações populacionais. De modo esquemático, pode-se dizer que a primeira geração de escravos, nascidos na África – os escravos "boçais" –, se comunicava em *pidgin* do português com suas línguas nativas, e as gerações posteriores – os escravos "ladinos" – teriam adotado uma variação do "crioulo" brasileiro ou até o português padrão em alguns casos. O "crioulo" brasileiro encontrou, portanto, condições propícias para seu desenvolvimento. Como se verá, o mesmo não ocorreu nos países americanos de língua espanhola.

2. A língua afro-brasileira não tem equivalência hispânica

O "crioulo" é uma evolução do *pidgin* que é, por sua vez, uma língua de contato surgida da necessidade urgente de comunicação de comunidades que não compartilham nenhuma língua. Em geral, é derivado da língua do grupo dominante. O *pidgin* é uma língua de poucos recursos – uma versão simplificada da língua original – e, segundo a definição de

John M. Lipski, muitas vezes não é compreensível para os falantes da língua padrão, já que não possui conjugação, concordância e desconhece a complexidade sintática (1997, p. 2).

Com a obra do pesquisador americano John McWhorter (1995), a existência de um "crioulo" hispano-americano foi posta em dúvida, em contraste com o Brasil, onde não há dúvidas de que se desenvolveu um "crioulo" como língua dos escravos. McWhorter (2000) reconhece somente a existência de *pidgins* do espanhol, documentados na América pela primeira vez no século XVII, nas canções de Natal africanizadas que Sor Juana Inés de la Cruz registrou no México. Na Espanha, o *pidgin* do espanhol ibérico foi registrado na literatura dos séculos XV ao XVII pelos autores Lope de Vega, Calderón e Góngora, entre outros.

McWhorter (1995) sugeriu que todos os crioulos afro-atlânticos – de base portuguesa, inglesa, francesa ou holandesa – se formaram nas fortalezas europeias da costa ocidental da África a partir do século XVI. Os espanhóis não se estabeleceram na África antes do final do século XIX, muito depois da formação dos crioulos afro-atlânticos e do fim do tráfico de escravos. Lipski acredita que a hipótese de McWhorter (2000) não considera o crioulo de Haiti (do francês) e o Papiamentu (do holandês), pois ambas línguas parecem ter sido formadas no território americano.

Parece, portanto, haver um consenso sobre a não existência histórica de um 'crioulo' hispano-americano, mesmo em Cuba, que concentrou uma grande população de escravos afro-descendentes. O linguista Rodolfo Alpízar Castillo (LIPSKI, 2005) nega a possibilidade de que a evolução do *pidgin* tenha chegado a estabelecer um "crioulo" cubano.

> É também compreensível que para essa massa heterogênea de novos falantes tinha que ser extremamente difícil entender e saber usar com correção aspectos como a conjugação dos verbos espanhóis e os distintos casos de concordância, sem esquecer... que o modelo que lhes servia de padrão era a fala de capatazes e traficantes que tampouco possuíam um espanhol esmerado, e alguns inclusive não tinham o castelhano como língua materna... com efeito estes foram elementos básicos que puderam significar a gênese de uma língua crioula do espanhol em Cuba. Mas isso não significa de modo algum que se possa afirmar categoricamente a existência real de uma língua crioula do espanhol e muito menos que ainda se conservem remanescentes dela. Para que isso houvesse sido factível, teria sido necessário uma maior mobilidade da população nascida na África, além de uma maior proporção dessa população em relação com os brancos [ii] (ALPÍZAR CASTILLO apud LIPSKI, 2005, p. 173. Tradução nossa).

O sociolinguista cubano Humberto López Morales (LIPSKI, 2005) opina na mesma linha de Alpízar Castillo.

> Nestes textos onde os informantes negros falam, há exemplos de natureza morfossintática e léxica que têm sido tomados como prova da supervivência de uma língua crioula. Contudo, trata-se apenas de exemplos de estádios linguísticos individuais, ainda que por forças coincidentes em falantes da mesma língua materna, que denunciam uma aquisição imperfeita do espanhol. Todos eles aparecem em boca de boçais, nenhum em lábios crioulos; se os filhos destes homens já não são congos, já manejam um espanhol cubano *standard*, desconhecendo em muitas ocasiões a língua africana de seus pais, que tipo de transmissão é esta? [iii] (LÓPEZ MORALES apud LIPSKI, 2005, p. 192. Tradução nossa).

O lexicógrafo cubano Esteban Pichardo publicou, em 1849, um dicionário de *cubanismos*, onde afirmou que "os negros crioulos [nascidos na América] falam como os brancos do país de seu nascimento" (p. V). A partir dessa afirmação, diz Lipski, o linguista cubano Sergio Valdés Bernal concluiu que "a fala crioula ou *bozal* já estava desaparecendo, pois só era usada por negros 'recém-chegados'" (1997, p13). Outro sinal de que o *bozal* estava desaparecendo ficou registrado na literatura *costumbrista* cubana, onde os personagens negros que a falam são ou nascidos na África ou muito velhos. *Bozal* era um termo depreciativo, equivalente a "selvagem" e com o tempo chegou a ser sinônimo de negro que não falava espanhol. *Bozal* também era o nome dado ao *pidgin* que aqueles escravos recém-chegados falavam. O negro que falava espanhol, ainda com dificuldade, era chamado de ladino (como no caso da diferença entre boçais e ladinos do Brasil). Em contraste, vale notar que, na América espanhola, o termo "criollo" era usado para definir todos os nascidos nas colônias, negros ou brancos.

Lipski (2005) sugere que o *pidgin* falado pelos escravos africanos *bozales* poderia ter-se transformado em um "crioulo" no Caribe durante o século XIX, para depois desaparecer, e que o espanhol vernáculo caribenho – sobretudo nas regiões de forte presença étnica afro-americana – é o produto final duma descrioulização desse suposto "crioulo". O pesquisador aponta a possibilidade de que a mobilidade dos escravos tenha prejudicado o desenvolvimento da língua: "É mais provável que a falta de crioulos afro-hispânicos se deva às proporções demográficas entre brancos e negros nos momentos decisivos do Caribe hispânico, assim como à pouca duração das altas concentrações de africanos *bozales* no Caribe"[iv] (LIPSKI, 1997, p.8. Tradução nossa).

Em Cuba, país com o maior número de registros literários da fala dos escravos, as proporções demográficas nunca foram propícias para a formação de uma língua crioula a partir da língua *bozal* dos nascidos em África, porque em momento nenhum a população negra da zona hispano-americana de maior concentração de pretos *bozales* – Cuba nos anos

do *boom* do açúcar no século XIX – alcançou os níveis verificados no Brasil. Depois disto, a chegada de *bozales* africanos diminuiu em razão dos movimentos abolicionistas e do temor das autoridades espanholas quanto a uma possível sublevação dos escravos. Ao mesmo tempo, começava a chegada de trabalhadores chineses e de colonos brancos, em grande maioria vindos da Galícia e das Ilhas Canarias.

O que existiu, sim, no Caribe, segundo a teoria pioneira do filólogo alemão Max Wagner, depois aprofundada pelo filólogo espanhol Germán de Granda, ambos citados por Lipski (1997), foi um *pidgin* afro-português entre os *bozales* chegados ao Caribe:

> As modalidades do crioulo desenvolvido e usado nas diferentes zonas hispano-americanas de população negra derivaram, genética e pelo tanto estruturalmente, do protodiassistema crioulo português africano que constituiu a base sobre a qual, por diferentes processos de relexificação, aquelas se originaram [v] (DE GRANDA apud LIPSKI, 2005, p. 115. Tradução nossa).

As teorias de Wagner e De Granda (LIPSKI, 2005) se respaldam no fato de os escravos africanos de diferentes origens e línguas usualmente permanecerem nas zonas portuguesas de São Tomé, Cabo Verde e outras bases de tráfico negreiro português antes de embarcarem para América. Sua forma inicial de comunicação, uma espécie de língua franca, seria um *pidgin* derivado do português. E, depois, ao chegar em territórios de língua espanhola, teriam aprendido o espanhol com base no português.

As pesquisas realizadas por diferentes equipes na aldeia afro-colombiana de San Basilio de Palenque demonstraram que a língua vernácula falada por esses habitantes – o Palenquero – tem raízes portuguesas e não espanholas. Ainda que a língua se pareça bastante com o espanhol *costeño* colombiano, tem vestígios afro-lusitanos indiscutíveis que assinalam uma origem externa ao universo hispano. Uma das características do espanhol falado pelos Palenqueros colombianos é que permite as perguntas não invertidas (que são normais em Palenquero) enquanto os colombianos do litoral não reconhecem essa construção gramatical: ¿Cuándo bo a viní? ¿Ke ané tan come? ¿Ke bo tan nda mi? (Quando você virá? O que eles vão comer? O quê você trouxe para mim?, em espanhol se perguntaria (¿Cuando vendrás? ¿Qué comerán ellos? ¿Qué me trajiste?)

3. A *Novela Antiesclavista* em Cuba

Para além da discussão sobre a existência ou não de um "crioulo" hispano-americano, a procura por documentos linguísticos da época para a tradução dos registros literários do

"crioulo" brasileiro para o espanhol esbarra em problemas de ordem prática. Os territórios espanhóis na América que receberam o maior número de escravos africanos durante os séculos XVI e XVII – México e Peru – quase não possuem livros sobre a temática. Esses casos, em países com uma longa tradição de produção editorial até os nossos dias, são uma anomalia. Como diz SILVA et al, "chama a atenção que países tão importantes quanto à questão da construção da identidade afro-americana possuam escassos ou até mesmo nenhum livro sobre a temática" (2014, p. 533).

Na pesquisa que coordena, "Vozes negras no romance hispano-americano", Liliam Ramos da Silva só encontrou dois exemplares peruanos sobre narrativas com personagens afro-americanos: *Matalaché*, escrito em 1928 por Enrique López Albújar, e *Malambo*, de 1950, cuja autora é Lucía Charún-Illescas.

Na literatura cubana, pelo contrário, os negros começaram a ser protagonistas de romances desde a época colonial. O crítico literário e criador da Academia de Literatura Cubana, Domingo Del Monte, foi o grande impulsor desse movimento, que passou a ser conhecido como *Novela Antiesclavista*. Del Monte, e seu círculo de amigos abolicionistas, tentaram levar ao público as vozes das vítimas da escravidão através da literatura. Rafael E. Saumell nota que: "Até agora o negro, o escravo, era abordado pelos ideólogos brancos, abolicionistas ou não. Desde a aparição de Manzano nasce o texto afro-cubano" [vi] (2004, p. 2, tradução nossa).

A *Autobiografia de Juan Francisco Manzano*, publicada em 1835, inaugurou a narrativa antiescravista. O romance circulou somente no grupo de Domingo del Monte, e é considerado a primeira obra que constitui o que mais adiante seria denominado *Novela Antiesclavista.* O autor, Juan Francisco Manzano, era um escravo de fazenda que aprendeu a ler com sua primeira ama. Del Monte comprou a liberdade do Manzano no mesmo ano em que a escravidão foi abolida em Cuba. *Autobiografia de Juan Francisco Manzano* é o único relato narrativo de primeira mão conhecido sobre a escravidão na América hispana. O segundo romance antiescravista, *Francisco, el Ingenio o las delicias del campo*, foi escrito em 1838, sob encomenda, por Anselmo Suárez y Romero. Até 1886, data de abolição da escravidão em Cuba, outros romances antiescravistas foram publicados na ilha, fazendo dela o país que possui a maior porcentagem de romances dessa temática.

4. Conclusões preliminares

Ao constatar a falta de uma equivalência da língua "crioula" brasileira na história linguística das antigas colônias espanholas e a ausência de registros das vozes dos escravos nos territórios de maior concentração de cativos africanos – México e Peru –, a tarefa do tradutor que procura uma equivalência para traduzir os diálogos literários dessas personagens de um romance de época vê-se seriamente dificultada.

Não havendo registros literários de peso sobre esse discutível "crioulo" hispano-americano no México e no Peru (países que, vale lembrar, aboliram a escravidão nas primeiras décadas do século XIX), o foco do tradutor deve voltar-se para o caso cubano. De fato, a despeito dos problemas já comentados, os registros literários cubanos – tanto do romance antiescravista como dos anos posteriores à abolição da escravatura, em 1886 – aparecem como a melhor ferramenta para sustentar a tradução das vozes dos escravos do século XIX no Brasil para o espanhol. Atenção especial deve ser dedicada aos romances *Francisco, el Ingenio o las delicias del campo*, escrito em 1838 por Anselmo Suárez y Romero; *SAB*, escrito em 1841 por Gertrudis Gómez de Avellaneda e *El Negro Francisco,* que Antonio Zambrano escreveu em 1880, bem à autobiografia de Manzano.

Também serão de grande ajuda ao trabalho de tradução as recopilações de análises de estruturas linguísticas das falas afro-americanas que John M. Lipski, da Universidade do Estado de Pensilvânia EUA) , e sua equipe de investigadores, têm feito dentro de uma série de documentos – de linguística, jornalismo e literatura – sobre as estruturas orais empregadas pelos escravos africanos em Cuba entre os séculos XVIII e XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, Carlos. Silencios y ecos: La historia y el legado de la abolición de la esclavitud en Haití y Perú. In**: *Revista A Contracorriente***, Raleigh, Carolina do Norte, EUA, v.3, nº1. p. 3-37, 2005.

LE PAGE, R.B., TABOURET-KELLER, Andrée. **Acts of Identity: Creole-Based Approaches to Language and Ethnicity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LIPSKI, John M. **A History of Afro-Hispanic Language: Five Centuries, Five Continents.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Las lenguas criollas afroibéricas: estado de la cuestión. Invited lecture, Universidad Católica Andrés Bello, Caracas, Venezuela, Maio 1997. Disponível em: http://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/HLE/LIPSKI-

LENGUAS%20CRIOLLAS%20AFROIBERICAS.pdf. Acesso em 21.06.2015

MCWHORTER, John. The scarcity of Spanish-based Creoles. In: **Language in Society.** Cambridge University Press, v. 24, nº2. p. 213-244, Abril 1995.

_____. The missing Spanish creoles: recovering the birth of plantation contact languages. Berkeley: University of California Press, 2000.

PICHARDO, Esteban. **Diccionario provincial casi razonado de voces cubanas.** La Habana: Imprenta de M. Soler, 1849.

SAUMELL, Rafael E. **Juan Francisco Manzano y Domingo del Monte: El cerco político de la plantación.** In: AfroCuban Anthology Journal (A Bilingual Journal of Social Sciences and Humanities). Outono, 2004. Disponível em: http://www.afrocuba.org/Antol3/Books3/Manzano%20y%20del%20Monte.pdf Acesso em 21.06.2015

SILVA, Liliam R. **Vozes negras no romance hispano-americano**. In: II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2014, Caxias do Sul. Espaço, Território e Região. Caxias do Sul: Editora da UCS, 2014. p. 527-537. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/II-Sillpro-Trabalhos-Completos_3.pdf. Acesso: outubro de 2016

WAGNER, Max Leopold. **Lingua e e dialetti dell'America spagnola**. Florencia: Edizione Le Lingue Estere, 1949.

---

[i] Sabrina Duque Villafañe Santos – Graduada em Comunicação Social (2001) pela Universidad Católica de Santiago de Guayaquil (UCSG), Equador. Especialista em Gestão e Administração de Empresas (2008) pela Universidad Andina Simón Bolívar (UASB), Equador. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4304092986740101 Acesso: novembro 2016.

[ii] Es también comprensible que para esa masa heterogénea de nuevos hablantes debía de ser extremadamente difícil entender y saber emplear con corrección aspectos como la conjugación de los verbos españoles y los distintos casos de concordancia, sin olvidar ... que el modelo que les servía de patrón era el habla de mayorales y negreros que tampoco poseían un español esmerado, y algunos incluso no tenían el castellano como lengua materna ... en efecto estos fueron elementos básicos que pudieron significar la génesis de una lengua criolla del español en Cuba. Pero ello no significa en modo alguno que se pueda afirmar categóricamente la existencia real de una lengua criolla del español mucho menos que todavía se conserven remanentes de ella. Para que el hecho hubiera sido factible, habría tenido que haber una mayor comunicación entre las dotaciones y una mayor movilidad de la población nacida en África, además de una mayor proporción de ellos en relación con los blancos.

[iii] En estos textos donde los informantes negros hablan, hay ejemplos de naturaleza morfosintáctica y léxica que han sido tomados con valor de muestra de la pervivencia de una lengua criolla. Sin embargo, sólo se trata de ejemplos de estadios lingüísticos individuales, aunque por fuerza coincidentes en hablantes de la misma lengua materna, que denuncian una adquisición imperfecta del español. Todos ellos aparecen en boca de bozales, ninguno en labios criollos; si los hijos de estos hombres ya no son congos, ya manejan un español cubano estándar, desconociendo en muchas ocasiones la lengua africana de sus padres, ¿qué tipo de transmisión es ésta?

[iv] Es más probable que la falta de criollos afrohispánicos se deba a las proporciones demográficas entre blancos y negros durante los momentos decisivos del Caribe hispánico, así como la poca duración de las altas concentraciones de africanos bozales en el Caribe.

[v] "Las modalidades del criollo desarrollado y empleado en las diferentes zonas hispanoamericanas de población negra derivaron, genética y por lo tanto estructuralmente, del protodiasistema criollo portugués de África que constituyó la base de la cual, por diferentes procesos de relexificación, se originaron aquellas"
[vi] "Hasta ahora lo negro, lo esclavo, era abordado por los ideólogos blancos, abolicionistas o no. Desde la aparición de Manzano nace el texto afrocubano"

RECEBIDO EM: 2 de outubro de 2016

ACEITO EM: 23 de outubro de 2016